

REFLEXÕES DO COMANDANTE-EM-CHEFE: LULA

(Terceira Parte)

Quando aconteceu a desintegração da União Soviética, que foi para nós como se o sol tivesse deixado de brilhar, a Revolução Cubana recebeu um golpe demolidor, que se traduziu não só na suspensão total do fornecimento de combustível, materiais e alimentos, mas também perdemos os mercados e preços que conseguíamos para os nossos produtos em meio ao árduo caminho da luta pela soberania, integração e princípios. O império e os traidores, cheios de ódio, afiavam os punhais, que pensavam cravar nos revolucionários para retomar as riquezas do nosso país.

O Produto Interno Bruto começou a cair, progressivamente, até cerca de 35 por cento. Que país teria resistido a um golpe tão terrível? Não defendíamos nossas vidas; defendíamos nossos direitos.

Muitos partidos e organizações de esquerda sentiram-se desalentados com o colapso da URSS, depois de seu esforço titânico de mais de 70 anos para construir o socialismo.

As críticas dos reacionários em todas as tribunas e meios de divulgação eram ferozes. Não iríamos nos somar ao coro dos apologistas do capitalismo “fazendo lenha da árvore caída”. Nenhuma estátua dos criadores ou precursores do marxismo foi demolida em Cuba. Nenhuma escola ou fábrica mudou de nome. E nós decidimos seguir adiante com firmeza inabalável. Assim o prometíamos, em situações tão hipotéticas e incríveis.

Nunca se praticou no nosso país o culto à personalidade, que nós mesmos tivemos a iniciativa de proibir desde os primeiros dias da vitória.

Na história dos povos, os fatores subjetivos fizeram avançar ou recuar os desenlaces, independentemente dos méritos dos líderes.

Falei a Lula sobre o Che, fazendo uma breve síntese de sua história. Ele discutia com Carlos Rafael Rodríguez sobre o sistema de autofinanciamento ou o método de orçamento, aos quais não dávamos muita importância, ocupados naquele momento com a luta contra o bloqueio norte-americano, os planos de agressão e a crise nuclear de Outubro de 1962, um problema real de sobrevivência.

O Che estudou os orçamentos das grandes companhias ianques, cujos funcionários administrativos viviam em Cuba e não os proprietários. Isso lhe deu uma idéia clara do modo de agir imperialista e do que acontecia na nossa sociedade, o que enriqueceu suas concepções marxistas e o levou à conclusão de que em Cuba não se poderia usar os métodos já conhecidos para construir o socialismo. Mas não se tratava de uma guerra de insultos; eram intercâmbios honestos de opiniões, publicados em uma pequena revista, sem intenção alguma de criar sismos ou divisões entre nós.

Aquilo que aconteceu depois na URSS não pegaria o Che de surpresa. Enquanto ocupou cargos importantes e exerceu funções, sempre foi cuidadoso e respeitoso.

Seu discurso endureceu quando se deparou com a terrível realidade humana imposta pelo imperialismo, que pode constatar na antiga colônia belga do Congo.

Homem abnegado, estudioso e profundo, morreu na Bolívia junto com um pequeno grupo de combatentes cubanos e de outros países latino-americanos, em plena luta pela libertação de Nossa América. Não chegou a conhecer o mundo de hoje, ao qual se somaram problemas desconhecidos naquela época.

“Você não o conheceu”, disse a Lula. “ Che era sistemático no trabalho voluntário, no estudo e em sua conduta, era modesto, desinteressado, dava o exemplo nos centros de produção e em combate”.

Penso que, no caminho para a construção do socialismo, quanto mais receberem os privilegiados, menos receberão os mais carentes.

Reitero a Lula que o tempo, medido em anos, transcorria velozmente agora e que cada ano se multiplicava. Pode-se dizer quase o mesmo de cada dia. Novas notícias são publicadas constantemente, relacionadas com situações previstas no meu encontro do dia 15 com ele.

Usando muitos argumentos econômicos, expliquei-lhe que, quando a Revolução triunfou em 1959, Estados Unidos pagava a um preço preferencial de cinco centavos a libra uma parte importante de nossa produção canavieira, que, ao longo de quase um século, era enviada ao mercado tradicional daquele país, que nunca deixou de ser abastecido nem mesmo em seus momentos mais críticos pelo fornecedor seguro muito próximo às suas costas. Quando proclamamos a Lei de Reforma Agrária, Eisenhower tomou uma decisão, embora ainda não tivéssemos chegado a nacionalizar suas usinas de açúcar (teria sido prematuro?), tampouco havíamos aplicado aos seus grandes latifúndios a lei agrária recém aprovada em Maio de 1959. Em virtude daquela decisão precipitada, nossa quota açucareira foi suspensa em Dezembro de 1960, e mais tarde, como castigo, redistribuída entre outros produtores desta e de outras regiões do mundo. Nosso país ficou bloqueado e isolado.

Pior foram a falta de escrúpulos e os métodos exibidos pelo império para impor seu domínio sobre o mundo. Introduziram vírus em Cuba, liquidando as melhores plantações de cana-de-açúcar; atacaram o café, atacaram a batata, atacaram também os rebanhos de suínos. A Barbados-4362 era uma das nossas melhores variedades de cana: maturação rápida, seu rendimento em açúcar às vezes chegava a 13 ou 14 por cento; seu peso por hectare podia ultrapassar as 200 toneladas de cana de 15 meses. Os ianques acabaram com as melhores espécies introduzindo pragas e ainda disseminaram o vírus da dengue hemorrágica, que afetou 344 mil pessoas e custou a vida de 101 crianças. Se utilizaram ainda outros vírus, não o sabemos (ou não o fizeram por temor a sua proximidade com Cuba).

Quando, em função desses problemas, não podíamos cumprir as cotas dos acordos de envio de açúcar à URSS, eles jamais deixaram de nos enviar as mercadorias combinadas. Lembro-me de ter negociado com os soviéticos cada centavo do preço do açúcar; depois, descobri na prática aquilo que conhecia apenas na teoria: o intercâmbio desigual. Eles garantiam um preço acima do praticado no mercado mundial. Os acordos eram projetados por cinco anos; se no início do quinquênio era enviado um certo número de toneladas de açúcar para pagar as mercadorias, no final do período seus produtos valiam 20 por cento mais a preço internacional. Foram sempre generosos nas negociações: certa ocasião, o preço no mercado mundial subiu, de modo geral, para 19 centavos; aferramo-nos

a esse preço e eles o aceitaram. Isso serviu, mais tarde, como base para a aplicação do princípio socialista de que os países economicamente mais desenvolvidos deveriam apoiar os menos desenvolvidos na construção do socialismo.

Quando Lula perguntou-me qual era o poder de compra de cinco centavos, expliquei-lhe que, com uma tonelada de açúcar, se comprava naquela época sete toneladas de petróleo. Hoje, tomando como referência o preço do petróleo leve, que equivale a 100 dólares, compra-se só um barril. Todo o açúcar que exportávamos, nos preços atuais daria apenas para adquirir o combustível importado que se consome em 20 dias. Seria necessário gastar em torno de 4 bilhões de dólares ao ano para adquiri-lo.

Os Estados Unidos gastam, anualmente, dezenas de bilhões de dólares por ano para subsidiar sua agricultura. Por que não deixam entrar livremente em seu território o etanol que vocês produzem? Subsidiaram-no de forma brutal, subtraindo ao Brasil receitas de bilhões de dólares a cada ano. O mesmo fazem os países ricos com sua produção de açúcar, oleaginosas e grãos para produzir etanol.

Lula citou dados muito interessantes sobre a produção agrícola no Brasil. Disse que um estudo realizado pela imprensa brasileira mostra que a produção mundial de soja crescerá 2 por cento ao ano até 2015; ou seja, será necessário produzir 189 milhões de toneladas de soja a mais do que hoje. A produção de soja do Brasil teria que crescer a um ritmo de 7 por cento ao ano para poder atender às necessidades mundiais.

E qual é o problema? Muitos países já não têm mais terras para plantar. A Índia, por exemplo, não tem mais terra livre; a China tem muito pouca terra disponível para isso e os Estados Unidos tampouco dispõem de terra para produções adicionais de soja.

Acrescentei à sua explanação que muitos países latino-americanos têm milhões de cidadãos com salários de fome, produzindo café, cacau, vegetais, frutas, matérias-primas e mercadorias a preços baixos para abastecer a população dos Estados Unidos, que não poupa e consome mais do que produz.

Lula informou-me que havia sido aberto em Gana um escritório de pesquisas da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e que, em fevereiro, será inaugurado um escritório também em Caracas.

“Há trinta anos, Fidel,” disse-me “aquela região que compreende Brasília, Mato Grosso e Goiás, era considerada uma parte do Brasil sem absolutamente nada, igual a uma savana africana; em 30 anos, transformou-se na região de maior produção de grãos em todo o Brasil, e acho que a África tem uma parte muito parecida a essa região do nosso país; por isso, abrimos o escritório de pesquisa lá em Gana e queremos fazer uma parceria também com Angola”.

“O Brasil”, continuou, “tem uma situação privilegiada. Contamos com 850 milhões de hectares de terra; deles, 360 milhões correspondem à região do Amazonas; 400 milhões de terras boas para a agricultura, e a cana-de-açúcar ocupa apenas 1 por cento”.

“Por outro lado”, comentei, “o Brasil é o maior exportador de café do mundo. Pagam-lhe por esse produto o mesmo que valia uma tonelada em 1959: cerca de 2,500 dólares atuais. Cobrava-se, então, 10 centavos por uma xícara, hoje cobram

5 dólares ou mais por uma xícara perfumada de café expresso, esse modo italiano de prepará-lo. É o PIB nos Estados Unidos”.

Na África não podem fazer o que se faz no Brasil. Grande parte do continente africano está coberto por desertos e áreas tropicais e subtropicais, onde é difícil produzir soja e trigo. A produção de grãos abunda apenas na zona do Mediterrâneo, ao Norte (onde caem algumas centenas de milímetros de chuva por ano, ou onde se rega com águas do Nilo), nos planaltos ou nas terras do sul, das quais se apropriaram os do Apartheid.

Os peixes de águas frias, que banham sobretudo a sua costa ocidental, abastecem países desenvolvidos, que varrem com seus arrastões os exemplares grandes e pequenos das espécies que se alimentam com o plâncton das correntes procedentes do Pólo Sul.

A África, com uma superfície quase quatro vezes maior do que o Brasil (30,27 milhões de quilômetros quadrados) e uma população 4,3 vezes maior (911 milhões de habitantes), está muito longe de produzir os alimentos excedentes que produz o Brasil, e sua infra-estrutura ainda está por ser construída.

Os vírus e bactérias que afetam a batata, os cítricos, a banana, o tomate, o gado em geral, a febre suína, a aviária, a aftosa, o mal da vaca louca e outras doenças que afetam em geral o gado no mundo, abundam na África.

Falei a Lula sobre a Batalha de Idéias que estávamos levando a cabo. Novas notícias chegam constantemente, evidenciando a necessidade dessa luta constante. Os piores órgãos de imprensa dos inimigos ideológicos dedicam-se a divulgar pelo mundo as opiniões de alguns pequenos vermes em nosso heróico e generoso país, que não querem nem ouvir falar de socialismo. No dia 20 de janeiro, cinco dias depois da visita de Lula, um desses órgãos publicou as palavras de um garoto que, graças à Revolução, atingiu um bom nível de educação, saúde e emprego:

“Não quero saber de socialismo algum”, disse ele, explicando a razão de sua raiva: “Muita gente empenhava até a alma para conseguir um par de dólares. “O novo que está por vir neste país, seja lá o que for, que lhe dêem outro nome”, disse ele. Não passa de um jovem lobo disfarçado de vovozinha.

O próprio correspondente, ao divulgar a notícia, acrescentou irônico: “A propaganda oficial, ao convocar os cubanos para comparecerem às urnas, cita mais vezes a Revolução do que o socialismo. Portanto, Cuba já não é mais um país em efervescência, como o foi até fins da década de 80. O olhar da ilha vai adquirindo uma visão global e o país, sobretudo na capital, vive uma mudança acelerada rumo à modernidade. E um de seus efeitos é que estão desfazendo as costuras do socialismo importado há décadas”

Trata-se do apelo vulgar do capitalismo imperial ao egoísmo individualista, predicado há quase 240 anos por Adam Smith como a fonte da riqueza das nações; ou seja, colocar tudo nas mãos do mercado. Isso criaria riquezas ilimitadas em um mundo idílico.

Penso na África e no seu quase um bilhão de habitantes, vítimas dos princípios dessa economia. As doenças, que voam à velocidade dos aviões, propagam-se ao ritmo da AIDS e outras velhas e novas doenças afetam as

populações e plantações do continente, sem que qualquer uma das antigas potências coloniais seja realmente capaz de lhes enviar médicos e cientistas.

Esses temas eu abordei em minha conversa com Lula.

Fidel Castro Ruz

26 de janeiro de 2008